

# Brasil, 1968: o assalto ao céu, a descida ao inferno

Mário Maestri\*

## Resumo

Em inícios de 1960, sucederam-se avanços e retrocessos das lutas sociais, com destaque para a vitória cubana e a derrota do nacional-populismo no Brasil, onde, muito logo, renasceu a oposição social à ditadura militar, impulsionada pelas medidas recessivas implementadas no contexto de tensa situação mundial, dominada pelas lutas pacifistas e antirracistas nos EUA e de libertação nacional na Palestina e Vietnã. No Brasil, em 1967 renascia a resistência operária e, em 1968, viveu-se o apogeu das lutas estudantis, no Brasil e no mundo. Sob a pressão dos acontecimentos, surgiram no Brasil organizações revolucionárias, comumente influenciadas pelo foquismo. Sobretudo a juventude secundarista e a universitária empreendem vigorosas mobilizações no contexto de forte resistência cultural. A morte de Édison Luís de Lima Souto, em 28 de março de 1968, galvanizou a mobilização es-

tudantil no país. Rio de Janeiro viveu a “Passeata dos Cem mil”. Entretanto, em Osasco, greve operária foi derrotada e o Congresso da UNE, de Ibiúna, reprimido. O refluxo da oposição começava a se impor no país, enquanto seguiam ações militares de vanguarda dissociadas da população. Em dezembro, foi decretado o ato institucional nº 5. O refluxo do apoio à resistência era determinado pela expansão econômica transitória, que neutralizou as classes médias e setores operários mais atrasados. Isolada, sem conseguir levantar programa de lutas factível, a resistência foi reprimida, dispersa, derrotada. A ditadura manteve-se até 1985, quando abandonou o poder, sob os golpes do renascimento de ação popular e operária, mas que não materializou democratização social e política de fato.

*Palavras-chave:* 1968. Ditadura militar. Movimento estudantil.

\* Doutor em História. Professor do curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo.

Os inícios dos anos 1960 haviam sido contraditórios para as lutas sociais no mundo. Em 1964, sob a orientação colaboracionista do Partido Comunista, o movimento popular brasileiro fora derrotado sem lutar. Em 1965-1966, a mesma política facilitara o massacre de um milhão e meio de comunistas e a consolidação da ditadura na Indonésia. O assassinato do líder marroquino socialista Ben Barka (1920-1965), na França, em outubro de 1965, e a deposição de Ben Bella por Boumédiène (1932-1978), na Argélia, em junho do mesmo ano, registravam também os limites da luta pela emancipação social, sob a direção de classes burguesas *nacionais* tidas como progressistas.

A década iniciara-se também sob signos auspiciosos. Nas barbas do gigante imperialista, em 1959, a partir da *Sierra Maestra*, um grupo de jovens revolucionários galvanizara o forte movimento de rebeldia da população da pequena ilha e vergara a ditadura odiada. Dois anos mais tarde, a revolução cubana assumiria caráter claramente socialista.<sup>1</sup> Em abril de 1961, o fiasco da invasão imperialista da baía dos Porcos aumentou a humilhação estadunidense. Sobretudo, na Indochina, avançava incessantemente a luta armada das forças populares vietnamitas, apesar dos ingentes recursos militares empregados pelos EUA.

## A derrota brasileira

A derrota no Brasil pesara fortemente sobre a conjuntura mundial. No início da década de 1960, amplos setores populares e médios haviam aderido às propostas de difusas reformas de base, que, prometia-se, resgatariam os marginais das cidades e dos campos e relançariam o industrialismo que modernizara relativamente, nas três décadas anteriores, a anacrônica estrutura rural da nação. Em 1964, o projeto nacional-reformista fora abortado violentamente. Em nome das classes proprietárias do país, os militares impuseram a ditadura, reprimindo duramente o movimento popular. A derrota fora ainda mais frustrante porque ocorrera sem qualquer resistência, precisamente quando muitos se julgavam a um passo da vitória.

Os grandes líderes populistas – João Goulart (1919-1976), Leonel Brizola (1922-2004) e Miguel Arraes (1916-2005) – abandonaram o país sem resistir. Brizola propusera, inutilmente, oposição de última hora, rejeitada terminantemente pelo presidente João Goulart, seu cunhado.<sup>2</sup> O Partido Comunista Brasileiro, a grande organização da esquerda, de orientação pró-soviética, mantivera até o triste fim do governo constitucional seu atrelamento ao populismo nacionalista, emperrando a organização autônoma dos

trabalhadores. Após o golpe de 1964, o *Partidão* reafirmou sem qualquer autocrítica sua política colaboracionista.<sup>3</sup>

No Brasil, a euforia dos vencedores seria curta. Através do mundo, a crise capitalista mundial, que se insinuaria nas principais economias mundiais, em 1967, por primeira vez, após longos anos de crescimento ininterrupto, exigia que trabalhadores e assalariados apertassem os cintos, para que o grande capital “tirasse suas castanhas do fogo”. Desde abril de 1964, os militares brasileiros intervinham nos sindicatos; parlamentares populares tiveram os direitos políticos cassados; militares democratas foram reformados; conquistas sociais foram confiscadas; a renda da classe média e dos trabalhadores despencou em razão da política recessiva ditada pelo grande capital ao governo subserviente do ditador Castelo Branco (1964-1967).

O desemprego aumentava. A inflação corroía os salários. As classes médias passavam desiludidas para a oposição, após haverem marchado, em março de 1964, com “Deus, pela pátria e pela família”, convocadas pelo imperialismo, pela Igreja e pelos partidos de direita, preparando a intervenção militar que “salvaria” o país da “ditadura sindicalista”. Políticos antipopulares, ou que haviam apoiado o golpe, como Carlos Lacerda (1914-1977) e Juscelino Kubitschek (1902-1976), marginali-

zados do poder, uniram-se a João Goulart em uma efêmera “Frente Ampla”, em fins de 1966, ao compreender que os militares pretendiam se eternizar no poder.<sup>4</sup>

## Poder negro

A situação internacional era tensa e dinâmica. Após o fiasco dos regimes árabes conservadores, com destaque para o Egito, a Síria e a Jordânia, na Guerra dos Seis Dias, contra Israel, de inícios de junho 1967, a guerrilha palestina assumia a luta antissionista em lugar das direções conservadoras desmoralizadas. Com a crise econômica chegando aos EUA, em boa parte em razão dos gastos de guerra, que antes haviam apenas garantido lucros ao grande capital, o movimento pacifista estadunidense questionava duramente a intervenção no Vietnã e os valores do *american way of life*. O imperialismo *yankee* era golpeado no próprio ventre. Malcolm X (1925-1965) fora assassinado em fevereiro de 1965 em Nova York, mas o *black power* fortalecia-se e os bairros negros ardiavam sob o fogo do ódio da população humilhada. Os hispano-estadunidenses e as próprias populações ameríndias levantavam também a cabeça. No Vietnã, em 30 de janeiro 1968, morreriam os sonhos de vitória militar, com a ofensiva do Anão Ted, durante a qual os vietcongues

atacaram mais de trinta cidades sul-vietnamitas e a própria embaixada dos Estados Unidos em Saigon. Entretanto, a classe operária estadunidense, apesar das importantes jornadas daqueles anos, manteve-se politicamente imóvel, sob a hegemonia do grande capital.

De 31 de julho a 10 de agosto de 1967 ocorreu em Havana, Cuba, o primeiro encontro internacional da Organização Latino-Americana de Solidariedade (Olas), fundada um ano antes, em 1966. Após teorizar sumária e superficialmente a experiência vivida na ilha, a direção cubana propunha claramente a generalização incondicional da luta guerrilheira rural – “Criar um, dois, mil Vietnãs”. Ainda que de forma confusa e voluntarista, a Olas rompia o monopólio político soviético que defendia, na América Latina e através do mundo, a colaboração e subordinação do movimento popular às burguesias nacionais, apresentadas como “progressistas”. A presença de Carlos Marighella (1911-1969) no encontro da Olas, noticiada amplamente, ao ser conhecida no Brasil, levou à expulsão do conhecido militante comunista do PCB.<sup>5</sup> A captura e morte de Ernesto Che Guevara (1928-1967), em 8 de outubro de 1967, na selva boliviana, foi vista como um duro percalço no longo caminho a ser trilhado, não como resultado das inseqüências da proposta

de início da luta armada por pequenos grupos à margem das lutas e da consciência reais dos trabalhadores.<sup>6</sup>

No Brasil, como na França, na Itália, na Alemanha Federal, no Japão, no México e em tantas outras regiões do mundo, 1968 abrir-se-ia sob o signo da resistência já explícita.<sup>7</sup> No Brasil, a crise econômica de 1967 levava a que o movimento operário, lutando contra o arrocho salarial, se recuperasse, minimamente, dos golpes sofridos. Em 16 de abril, 1.200 operários da siderúrgica Belgo-Mineira cruzavam os braços em Contagem, Minas Gerais; logo dezesseis mil trabalhadores encontravam-se em greve. O movimento encerrou-se no início do mês seguinte, com um abono salarial de 10%. No 1º de maio de 1968, outra importante vitória: o governador Abreu Sodré (1917-1999) e sua comitiva, convidados por sindicalistas pelegos e do PCB para subir ao palanque da praça da Sé, foram vaiados, escorraçados e obrigados a se refugiar na catedral paulistana. Os participantes do comício, sob a consigna “Só a greve derruba o arrocho”, queimaram o palanque e partiram em passeata. No mês seguinte, eclodiram breves paralisações nas montadoras de São Bernardo.

Em maio, fortíssimos ventos europeus avivavam o braseiro nacional. A cidade de Paris e, a seguir, a França, foram convulsionadas pelo estudan-

tado universitário *enragé*. Muito logo, o movimento operário iniciou dura e longa greve geral. O governo de Charles De Gaulle (1890-1970) recuou, a ordem burguesa tremeu, falou-se em governo popular, antes que o Partido Comunista Francês canalizasse a mobilização da rua e as ocupações de fábrica para a luta institucional, enterando-as sob um estrondoso fracasso eleitoral. O maio francês galvanizou o mundo, colocando quase nas sombras as lutas estudantis e operárias, igualmente muito duras na Itália e na própria Alemanha Federal, avivada neste último país pelo atentado ao líder estudantil Rudi Dutschke (1940-1979), em 11 de abril de 1968. No mesmo mês era assassinado Martin Luther King (1929-1968), em Memphis, Tennessee. Na França lutara-se contra o autoritarismo, contra a discriminação, contra os privilégios, pelo socialismo operário e democrático. Uma geração de líderes de vinte anos conquistava a juventude do mundo com seu radicalismo, inconformismo, desprendimento, coerência – Daniel Cohn-Bendit, Alain Krivine, Jacques Sauvageot, e outros.

## Revolução na revolução

A vitória cubana impusera o princípio de que a revolução iniciaria pela ação exemplar de alguns guerrilheiros. Em 1967, o foquismo seria teorizado,

em *Revolução na revolução?*, pelo jovem francês Regis Debrey, intelectual de vocação guerrilheira rápida e de pouco sucesso. Se o foco não pudesse ser lançado no campo, seria iniciado na cidade.<sup>8</sup> Desde janeiro de 1967, o ativismo dos Guardas Vermelhas chinesas contra a restauração capitalista, hoje plenamente vitoriosa, prestigiava o maoísmo, sobretudo entre os jovens católicos franceses radicalizados. A ação das organizações trotskistas na França divulgava o marxismo-revolucionário, o antistalinismo, o antiburocrático, tornando a seguir Ernest Mandel (1923-1995) figura pública mundial.

Debilitado pela derrota de 1964, o PCB explodia em uma constelação de grupos radicalizados. Jovens chegados da Juventude Universitária Católica (JUC) e da Juventude Operária Católica (JOC) aderiam à luta anti-imperialista e anticapitalista.<sup>9</sup> Então, o Brasil conheceu uma multiplicidade de pequenas organizações revolucionárias – Aliança Libertadora Nacional (ALN), Comando de Libertação Nacional (Colina), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Ação Popular (AP), VAR-Palmares, Partido Operário Comunista (POC), Fração Bolchevique-Trotskyista, Movimento Revolucionário Tiradentes, e outras – com algumas centenas de militantes, mais comumente de 17 a 25 anos,

e abrangência em geral regional.<sup>10</sup> A juventude universitária e secundarista abraçava a luta política, cultural e ideológica com destemor, magnanimidade e impaciência. Saía às ruas picando – literalmente, pois, na época, não havia o *spray* – “Mais verbas e menos canhões”; “Um, dois, mil Vietnãs”, “O povo unido derruba a ditadura”, “Viva a aliança operário-estudantil”. Conscientes de que não há prática sem teoria, os jovens militantes liam sem cessar, sobretudo história, economia, sociologia – *A revolução russa*, de León Trotsky (1879-1940); *O diário na Bolívia*, de Ernesto Che Guevara; os três *Profetas*, de Isaac Deutscher (1907-1967); *A revolução brasileira*, de Caio Prado Júnior (1907-1990); *Formação histórica do Brasil*, de Werneck Sodrê; *O livro vermelho*, de Mao Tsé-tung (1893-1976); *Poemas do cárcere*, de Ho Chi Minh (1890-1969).

Em 1968, pela primeira vez no Brasil, a Civilização Brasileira publicava *O capital*, de Karl Marx (1818-1883). Militantes imberbes devoravam os grossos volumes, de fio a pavio, página por página, sem os compreenderem muito. Estudavam-se e debatiam-se os mínimos detalhes das revoluções russa, chinesa e cubana, ainda que fosse bem menor o interesse sobre a história do Brasil, sobretudo do período anterior a 1930, durante o qual as categorias da sociologia do capitalismo não

eram plenamente funcionais, nem havia tempo e vontade para se empreender interpretação original do passado brasileiro. Pelo país afora, discutia-se e polemizava-se duramente. O futuro estava ao alcance da mão. Abraçavam-se as nuvens, em um assalto aos céus.

A explosão de criatividade invadiu as artes, sobretudo a música, o teatro, o cinema, a produção editorial nacionais. Uma estética radical de raízes tupiniquins garantia momentos de glória ao cinema nacional. Néelson Pereira dos Santos filmara o clássico *Vidas secas* em 1963 e Anselmo Duarte conquistara Cannes com *O pagador de promessas*, de 1962. O quase-menino Glauber Rocha (1939-1981) dirigira *Terra em transe* em 1967 e concluiria, em 1969, *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*. Filmaria a grande mobilização carioca de 1968, para projeto cinematográfico jamais concretizado. Bertolt Brecht (1898-1956) era uma constante nos teatros nacionais – *Os fuzis da senhora Carrar*, *Galileu Galilei*, *A ópera dos três vinténs*, *Mãe coragem e seus filhos*. A dramaturgia nacional plantava raízes próprias com *Liberdade, liberdade* e *Arena conta Zumbi*, de 1965, *Arena conta Tiradentes*, de 1967, e com encenações explosivas como *Roda-viva*, de 1968, objeto de ataques de grupos paramilitares direitistas.<sup>11</sup>

## A cultura é do povo

Num país de poucos leitores, com a televisão ainda engatinhando, o combate cultural enfuriava quando se tratava da música popular. Apenas parcialmente inconscientes do papel que cumpriam, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Vanderléia e a turma da “Jovem Guarda” pregavam a despolitização é só pediam “que você me aqueça nesse inverno e que tudo mais vá para o inferno”.<sup>12</sup> A esquerda dominava totalmente o campo, com uma seleção que só aceitava “craques”: Caetano, Chico, Elis Regina, Jair Rodrigues, Gilberto Gil, Geraldo Vandré, Vinícius de Moraes, e outros. Quando dos festivais da canção, a disputa politizada transformava-se em uma quase batalha campal.<sup>13</sup>

Por meio da música, debatiam-se a ação imediata e os projetos para o futuro do país. Numa época sem cerimônias, iconoclasta, o público levantava-se contra os monstros sagrados que se construía, caso ousassem sair da linha, ou do que se pensava que fosse a linha. Em 28 de março de 1968, três dias antes do quarto aniversário do golpe, as polícias militares do Exército e da Aeronáutica invadiram o restaurante do Calabouço, no Rio de Janeiro, e dispararam, à queima-roupa, contra os estudantes, matando Édison Luís de Lima Souto, de 18 anos. No dia se-

guinte, sexta-feira, a antiga capital da República parou para que sessenta mil populares acompanhassem a despedida ao secundarista. A resposta foi violenta. Por diversos dias, a cidade tornou-se campo de acirrada batalha: de um lado, estudantes e populares; do outro, polícia e exército. Universitários, secundaristas e populares foram mortos. Ao se deslocarem pelas ruas do centro, os soldados protegiam-se debaixo das marquises dos objetos atirados dos edifícios. Um policial militar, a cavalo, morreu ao receber na cabeça um pesado balde carregado de cimento fresco, lançado de um edifício em construção.

A agitação estudantil alastrou-se pelo Brasil, com manifestações nas principais capitais. Na quarta-feira, 26 de junho, o movimento alcançou seu ápice. No Rio de Janeiro, cem mil manifestantes concentraram-se na Cinelândia e desfilaram pelo centro, numa demonstração permitida pelo governo. Cinquenta mil pessoas protestaram nas ruas de Recife. As grandes manifestações alcançaram efeito inesperado. Dias mais tarde, uma comissão da “Passeata dos Cem mil”, do Rio de Janeiro, seria recebida em Brasília pelo ditador Costa e Silva (1902-1969). Entre os membros da delegação encontrava-se um representante da UNE, entidade colocada na ilegalidade imediatamente após o golpe. Entretanto, o encontro não teve consequências.

A mobilização operária levava a oposição sindical a planejar um amplo movimento grevista para o fim do ano, quando da data-base de importantes categorias. A explosão das manifestações de junho aceleraria a greve. Em 16 de julho, José Ibrahim, com 21 anos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, ligado à organização militarista VPR, liderou greve da Cobrasma, de seis mil trabalhadores, com ocupação da empresa e aprisionamento dos funcionários graduados, à qual aderiram dez mil trabalhadores de outras indústrias. O movimento exigiu reajuste de 35%, reposição salarial a cada três meses e outras reivindicações. A ditadura militar respondeu violentamente. Centenas de trabalhadores foram presos e despedidos. A Cobrasma foi invadida. José Ibrahim mergulhou na clandestinidade, sendo preso em 2 de fevereiro de 1969. Mais tarde, libertado e banido como parte dos prisioneiros políticos trocados pelo embaixador estadunidense, partiu para o México, Cuba, Chile e, a seguir, para a Bélgica.<sup>14</sup> Zequinha, dirigente operário da Cobrasma, foi preso e torturado. Após cinco dias, a greve quebrava-se. Uma segunda paralisação, em Contagem, Minas Gerais, em outubro, foi reprimida com facilidade. A greve geral do fim do ano jamais seria tentada.

## A queda do congresso da UNE

No país decrescia a mobilização. Em 12 de outubro, o movimento estudantil, espinha dorsal da oposição, recebeu forte golpe. Subestimando a repressão, a direção da UNE reuniu para seu 30º Congresso, num sítio em Ibiúna, cidadezinha do interior de São Paulo, milhares de delegados chegados de todo o país. A prisão dos participantes permitiu a detenção das direções e o mapeamento das lideranças estudantis do norte ao sul do país.<sup>15</sup> No mesmo dia em que caía o congresso de Ibiúna, era varado pelas balas de um comando militar da VPR, diante de sua residência, em São Paulo, o capitão estadunidense Charles Chandler, funcionário da CIA, “estudando” sociologia no Brasil. Os dois acontecimentos ilustravam a orientação que viveria a resistência nos anos seguintes. Ações armadas de grupos de corajosos jovens militantes, isolados socialmente, pretendiam substituir o movimento de massas em refluxo. Em 2 de outubro, na capital mexicana, na praça das Três Culturas, de duzentos a trezentos estudantes e populares foram massacrados pelo exército e policiais durante concentração, dez dias antes do início dos Jogos Olímpicos, que se realizaram sem quaisquer pruridos morais.<sup>16</sup>

Sobretudo de 1969 a 1973, organizações de esquerda militaristas, ins-



piradas no foquismo guevarista, lançariam “ações” espetaculares – assaltos a bancos; sequestros de embaixadores e de aviões; execuções de torturadores; guerrilhas rurais, etc. –, sem que os trabalhadores urbanos e rurais aderissem à proposta de luta armada imediata, milhões de anos-luz longe de suas consciências, necessidades e capacidade de organização na época. Isoladas, as organizações militaristas seriam dizimadas, uma após a outra, pela repressão, que se estenderia igualmente aos militantes voltados para a organização dos trabalhadores e classes populares. Por esses anos, automóveis da nova classe média ascendente invadiam as ruas portando o autocolante “Brasil: ame-o ou deixe-o”, distribuído pela repressão, simples tradução da consigna direitista estadunidense *America love it or leave it*.

Em 15 de setembro de 1968, na final paulista do III Festival Internacional da Canção, da Globo, no Teatro da Universidade Católica de São Paulo, acompanhado pelos Mutantes, Caetano Veloso apresentou a música “É proibido, proibir”, vestido de roupas de plástico colorido, com colares exóticos no pescoço, enquanto um jovem estadunidense, ainda mais psicodélico, saltava e berrava no palco, como parte da coreografia.<sup>17</sup> Da competição participava a canção finalista “Caminhando” (“Para não dizer que não falei das flo-

res”), de Geraldo Vandré, classificada em segundo lugar, que se tornaria uma espécie de hino da resistência. “Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer.”

As históricas vaias que recebeu Caetano Veloso certamente interpretavam a consciência do público, formado quase exclusivamente por jovens, do distanciamento cada vez maior de parte da intelectualidade da resistência em refluxo. Em 1972, Elis Regina cantaria querer apenas “uma casa no campo, do tamanho ideal...” A defecção de seu parceiro Jair Rodrigues – “O morro não tem vez / e o que ele fez já foi demais / Mas olhem bem vocês / Quando derem vez ao morro / Toda a cidade vai cantar” – seria ainda mais bucólica. Nos anos seguintes, apenas alguns artistas continuariam *segurando a peteca e cutucando a onça com vara curta*. Entre eles, sobretudo, Chico Buarque, que prosseguiu no ataque, ainda que fosse armado com um desprezioso roquezinho, no estilo “você não gosta de mim, mas sua filha gosta”, ou com composições clássicas e duras como “Fado tropical”, com Ruy Guerra, de 1972-3, ou “Cálice”, de 1975, com Gilberto Gil. Seu “Apesar de você”, de 1970, tornaria-se o hino da luta final contra a ditadura e a esperança de uma reparação dos crimes por ela cometidos, que até hoje não se concretizou – “Hoje você é

quem manda / Falou, tá falado / Não tem discussão”; “Você vai pagar e é dobrado / Cada lágrima rolada / Nesse meu penar”.<sup>18</sup>

## Descida aos infernos

O ano, que nascera sob o signo da vontade popular, concluía-se sob o tacho militar. A resistência iniciava sua descida aos infernos. Em 29 de agosto de 1968, tropas policiais e militares, poderosamente armadas, invadiam a Universidade de Brasília. As cenas registradas pela imprensa lembravam a ação das tropas de ocupação nazistas: estudantes marcham com as mãos à cabeça e deitam-se sob a mira das armas. O golpe seria desferido dias mais tarde. Um anódino pronunciamento do deputado Márcio Moreira Alves, em 2 e 3 de setembro, pedindo o boicote da população ao desfile de Sete de Setembro, serviu para que os militares apresentassem o pedido de levantamento da imunidade do parlamentar, a fim de instaurarem o processo que desagrarava o pundonor castrense arranhado. Em 12 de dezembro, o Congresso Nacional rechaçou o pedido aviltante. No dia seguinte, 13 de dezembro de 1968, o governo liquidou o que restava de liberdade democrática. O caso Márcio Moreira Alves era uma justificativa. No início do ano, em abril, o brigadeiro João Paulo Burnier propusera

ao Para-sar, serviço de salvamento da Aeronáutica, uma ampla campanha terrorista, com execuções individuais e atentados de massa – explosão do gasômetro do Rio de Janeiro e da represa de Ribeirão das Lajes, etc. –, para “fechar” de todo o regime. O plano fora frustrado em virtude de oposição do capitão-aviador Sérgio Ribeiro Miranda de Carvalho, castigado e reformado pelo seu destemor. O ato institucional nº 5 cerrou o Congresso, as Assembleias Legislativas, suspendeu o *habeas-corpus*, fortaleceu a censura, preparou o caminho para a repressão, o aprisionamento, a tortura, a eliminação dos opositores.<sup>19</sup>

O refluxo da mobilização popular tinha raízes muito mais profundas do que a repressão. Elas haviam passado despercebidas a uma oposição formada, em sua maioria, por jovens que apenas despertavam para a vida política. Desde inícios de 1968, após anos de recessão, a economia nacional expandia-se. A superexploração dos trabalhadores, o ingresso de capitais internacionais, a reorientação da produção para a exportação, a abertura de novos mercados, etc. relançavam a produção interna. O desemprego caía, a acumulação de capitais crescia, o empresariado nacional apegava-se ao regime que permitia aumentar fortemente seus ganhos. Agora, para os empresários, falar em democracia e direitos sindicais era uma

indecência. Ao contrário, eles pediam, com insistência, mais repressão, chegando a financiar e participar diretamente da tortura, junto com policiais e militares. Nas décadas seguintes, a população nacional pagaria pateticamente a conta social e econômica do “milagre”. Em meados de 1968, a expansão econômica e a repressão policial ganhavam vastos setores sociais, sobretudo das classes médias, para uma posição de apatia, senão de apoio inicialmente tíbio a um regime militar que lhes prometia realizar os mais queridos desejos.

A queda da inflação, financiamentos habitacionais acessíveis, empréstimos a baixo custo permitiam que setores das classes médias conquistassem o sonho da casa própria, do primeiro automóvel, da primeira viagem à Europa. Nos anos seguintes, ao visitar o Velho Mundo, os “filhos do milagre” manter-se-iam distantes dos apestados banidos e exilados que eventualmente encontravam. Em 1969, em “Pequeno burguês”, Martinho da Vila festejava a possibilidade de setores populares formarem-se nas universidades pagas, incentivadas pela ditadura, após duro esforço: “Dizem que sou burguês / Muito privilegiado / Mas burgueses são vocês /.” O final da canção não deixa lugar a dúvidas: “E quem quiser ser como eu / vai ter é que penar um bocado”. / Muito mais explícitos eram Dom e Ravel, em 1970, com “Eu te amo, meu

Brasil, eu te amo. / Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-anil. / Ninguém segura a juventude do Brasil.” O claro sucesso de vendas dessas músicas registrava os novos ventos e o isolamento social crescente da oposição à ditadura.<sup>20</sup>

Num cenário de progressão social, as classes médias fechavam comumente os olhos para a superexploração das classes operárias e para a repressão da oposição. Os militantes que haviam “nadado como peixe na água”, por entre uma população alçada contra o regime militar, sentiam-se agora como lambarris na frigideira. Nas universidades, eram apontados com o dedo; antigos companheiros trocavam de calçada, para não serem vistos ou falar com o “famigerado subversivo”. A expansão econômica neutralizaria importantes setores operários. Os baixos salários e os altos ritmos de produção foram vistos como uma quase-libertação por trabalhadores recém-chegados do campo. Superjornadas de 12 e mais horas de trabalho permitiam a aquisição de produtos de consumo durável, antes fora do alcance do orçamento popular – televisor, refrigerador, etc.<sup>21</sup> Sobretudo a expansão da indústria metal-mecânica criaria uma jovem aristocracia operária, relativamente bem paga. Ela se confrontaria, poderosamente, com o regime, mais tarde, em fins dos anos 70, quando o retorno da inflação corroeria os salários.<sup>22</sup>

## Ousar lutar, ousar vencer

A modernização conservadora do país originaria um funcionalismo público federal bem remunerado, empregado nas grandes estatais, em expansão. O crescimento selvagem do ensino privado superior diminuía a pressão social em razão da falta de vagas nas universidades públicas. As universidades federais foram reorganizadas segundo padrões estadunidenses. Pela primeira vez, criava-se uma burocracia acadêmica, bem paga e bem financiada, que mergulharia, em uma enorme parte, por mais de uma década, num calmo e cômodo apoliticismo travestido de neutralidade científica. Isolados socialmente, insensíveis ao novo contexto nacional, as organizações armadas travaram, a partir de 1969, o “combate nas trevas” a que se refere Jacob Gourevitch em seu livro homônimo, pequeno clássico sobre aqueles duros anos. Presos entre o confronto dos grupos armados e a repressão, as organizações que não haviam se deixado arrastar pela aventura militarista tiveram suas possibilidades de intervenção duramente diminuídas, no contexto do confronto armado que se vivia no país. Crescentemente isolada e incapaz de apresentar projeto político que interpretasse as necessidades das amplas massas e definisse formas de luta e de organização adaptadas à época, a militância de esquerda desmoralizou-se, abandonou a luta, caiu combatendo,

foi aprisionada, tomou o caminho do exílio ou procurou sobreviver, na dura situação de ditadura. Nos mais duros momentos, agoniados pelo peso da derrota, centenas de militantes permaneceram no país, organizando a resistência, como podiam.<sup>23</sup>

A ditadura do capital, que parecia vacilar em 1968, manter-se-ia ainda por longos anos, até 1985, quando a mobilização operária e popular conquistaria, finalmente, a redemocratização, sem, porém, obter, no momento da transição, o direito a eleições diretas, de punição dos crimes da ditadura, de restauração dos direitos sociais perdidos, etc., conhecendo uma nova derrota, ao substituir-se ao regime militar governo que manteve no essencial as modificações institucionais empreendidas nos vinte anos de regime militar, em desfavor das classes subalternas e em favor dos privilegiados. Tancredo Neves e José Sarney, eleitos como presidente e vice-presidente indiretamente, eram políticos conservadores oriundos, respectivamente, das filas da oposição moderada consentida e da base política de apoio do regime militar. De certo modo, simplesmente “se mudava tudo, para que tudo ficasse igual”.<sup>24</sup>

Aprofundada pela vitória da ofensiva neoliberal internacional de fins dos anos 1980, quarenta anos mais tarde, nesse 2008, a derrota do movimento de 1968 no Brasil pesou ainda poderosamente sobre a vida nacional. Aquelas jornadas memoráveis são cada

vez mais lembradas, mesmo por muitos de seus participantes, para, ainda com nostalgia condescendente, assinalar os muitos erros, os inúmeros enganos, as falsas ilusões, e sugerir que jamais se deveria ter combatido aquela batalha, já perdida de antemão – como é o caso dos *best-sellers* de Zuenir Ventura, *1968: o ano que não terminou*, e de Alfredo Sirkis, *Os carbonários*.<sup>25</sup> Neste 2008 permanece singularmente pertinente a concepção de que, sem “ousar lutar”, não é possível vencer e que não há pior derrota que a sofrida sem combate. As jornadas de 1968, no Brasil e no mundo, não constituem simples fatos históricos a serem narrados. Passados quarenta anos, 1968 permanece como esfinge enigmática, exigindo que sejam desvelados seus complexos sentidos. Como um poderoso farol, aqueles sucessos seguem ainda indicando, mesmo muito longe, no horizonte, o caminho seguro a ser seguido.

## Résumé

### *Brésil, 1968: l'assaut au ciel, la descente aux enfers*

Au début des années 1960, les luttes sociales connurent des progrès et des reculs successifs, parmi lesquels il convient de rappeler la victoire de la révolution cubaine et la défaite du national-populisme au Brésil où, très rapidement, réapparut l'opposition sociale à la dictature militaire, engendrée par les mesures récessives mises

en place, dans le contexte d'une situation mondiale particulièrement tendue, dominée par les luttes pacifistes et au i-racistes aux USA et de libération nationale en Palestine et au Vietnam. En 1967, le Brésil connut un renouveau de résistance ouvrière, alors que 1968 fut l'année de l'apogée des révoltes étudiantes, aussi bien au Brésil que dans le reste du monde. Sous la pression de tels événements, surgirent des organisations révolutionnaires, en général sous l'influence du foquisme. Les jeunes surtout entreprirent de fortes mobilisations, dans le contexte d'une importante résistance culturelle. L'assassinat d'Édison Luís de Lima Souto, le 28 mars 1968, galvanisa la mobilisation des étudiants dans tout le pays. Rio de Janeiro connut la manifestation des Cent Mille, alors qu'était réprimée la grève ouvrière à Osasco, de même que le Congrès de l'Union Nationale des Etudiants à Ibiuna. Le recul de l'opposition se généralisa, malgré la continuation d'actions armées de la part d'avangardes dissociées de la population. L'acte institutionnel 5 fut décrété en décembre. Le manque croissant d'appui à la résistance fut déterminé par l'expansion économique transitoire qui neutralisa les classes moyennes et les secteurs ouvriers moins conscients. Isolée, ne parvenant pas à mettre sur pied un programme de luttes réalisable, la résistance fut réprimée, dispersée et vaincue. La dictature resta au pouvoir jusqu'en 1985, lorsqu'elle l'abandonna sous les coups d'une nouvelle action populaire et ouvrière, qui ne matérialisa cependant pas une véritable démocratisation sociale et politique.

*Mot clé:* 1968. Dictature militaire. Mouvement étudiant.

## Notas

- <sup>1</sup> BAMBIRRA, Vânia. *Revolução cubana: uma interpretação*. Coimbra: Centelha, 1975; FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979; ESCOSTEGUY, Jorge. *Cuba hoje: 20 anos de revolução*. São Paulo: Alfa Ômega, 1978.
- <sup>2</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil. 1961-1964*. 7. ed. rev. e ampl. Brasília: EdiUnB; Rio de Janeiro: Revan, 2001; SILVA, Hélio. *1964: golpe ou contragolpe?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975; SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- <sup>3</sup> CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil: das origens a 1964*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986; CARONE, Edgard. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982; CARONE, Edgard. *O PCB (1964-1982)*. São Paulo: Difel, 1982; DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado; ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1987; MARAES, Dênis de. *A esquerda e o golpe de 64*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- <sup>4</sup> VIANA FILHO, Luís. *O governo Castelo Branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976; CASTELLO BRANCO, Carlos. *Introdução à Revolução de 1964*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975; Neto, Lira. *Castello: a marcha para a ditadura*. São Paulo: Contexto, 2004.
- <sup>5</sup> NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge (Org.). *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: EdiUnesp, 1999.
- <sup>6</sup> GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira. Das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987; ABREU, João Batista de. *As manobras da informação: análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil (1965-1979)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000; REIS FILHO, D. A.; SÁ, João F. *Imagens da revolução: documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 a 1971*. Rio: Marco Zero, 1986.
- <sup>7</sup> Cf., ver outros, MARTINS FILHO, J. R. *A rebelião estudantil: México, França e Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1996; CAPANNA, Mario. *Formidabili quegli anni*. Milano: BUR, 1998; MASSARI, Roberto. *Il '68: come e perché*. Bolsena: Massari, 1998; GUEVARA NIEBLA, Gilberto. *La democracia en la calle: crónica del movimiento estudiantil mexicano*. México: Siglo XXI, 1988; REVUELTAS, José. *México 68: juventud y revolución*. México: Era, 1978; QUATROCCHI, Angelo; NAIRN, Tom. *O começo do fim*: França, maio de 1968. [1968]. Trad. de M. A. Reis. Rio de Janeiro: Record, 1998; ALI, Tariq. *O poder das barricadas: uma autobiografia dos anos 60*. São Paulo: Boitempo, 2008; RENAUT, Alain. *Pensamento 68*. São Paulo: Ensaio, 1985; GOLDFELDER, Sonia. *A primavera de Praga*. São Paulo: Brasiliense, 1981; MARTINS FILHO, João Roberto. *Rebelião estudantil: 1968 - México, França e Brasil*. Campinas: Mercado das Letras, 1996; PONGE, Robert (Org.). *1968: o ano das muitas primaveras*. Porto Alegre: SMCPOA, 1998.
- <sup>8</sup> DEBREY, Regis. *Révolution dans la révolution? Lutte armée et lutte politique en Amérique Latine*. Paris: François Maspero, 1967; ANDERSON, Jon Lee. *Che uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997; ROLLEMBERG, Denise. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- <sup>9</sup> SOUZA, Luiz. A. G. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- <sup>10</sup> Cf. entre outros: PAZ, Carlos Eugênio. *Nas trilhas da ALN*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997; LIMA, H.; ARANTES, A. *História da ação popular: da JUC ao PC do B*. São Paulo: Alfa Ômega, 1984; LEAL, Murilo. *À esquerda da esquerda: trotskistas, comunistas e populistas no Brasil contemporâneo (1952-1966)*. São Paulo: Paz & Terra, 2003; BEZERRA, Gregório. *Memórias: segunda parte (1946-1969)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980; CASO, Antônio. *A esquerda armada no Brasil. 1967-1971*. Portugal: Moraes, 1976.
- <sup>11</sup> Cf. entre outros: BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975; CAMPOS, Cláudia de Arruda. *Zumbi, Tiradentes*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1988; MAGALDI, Sábado. *Um palco brasileiro: o Arena*. São Paulo: Brasiliense, 1984; MOSTAÇO, Edélcio. *Teatro e política: Arena, Oficina e Opinião*. São Paulo: Proposta Editorial, 1982.
- <sup>12</sup> MEDEIROS, Paulo de Tarso. *A aventura da Jovem Guarda*. São Paulo: Brasiliense, 1984; ARAÚJO, Paulo Cesar de. *Roberto Carlos em detalhes*. São Paulo: Planeta, 2006; SANCHES, Pedro Alexandre. *Como dois e dois são cinco: Roberto Carlos (& Erasmo & Wanderléa)*. São Paulo: Boitempo, 2004.

- <sup>13</sup> MELLO, Zuza Homem de. *A era dos festivais: uma parábola*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- <sup>14</sup> Depoimento de José Ibrahim: [http://www.zedirceu.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=3638&Itemid=106](http://www.zedirceu.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3638&Itemid=106)
- <sup>15</sup> FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. *UNE em tempo de autoritarismo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995; GURGEL, Roberto Mauro. *História da UNE: depoimentos de ex-dirigentes*. São Paulo: Livramento, 1980; ROMAGNOLI, Luis H.; GONÇALVES, Tânia. *A volta da UNE: de Ibiúna a Salvador*. São Paulo: Alfa Ômega, 1979; SANFELICE, José Luís. *Movimento estudantil: A UNE na resistência ao Golpe de 64*. São Paulo: Cortez, 1986.
- <sup>16</sup> GUEVARA NIEBLA, Gilberto. *Libertad bajo protesta: historia de un proceso*. México: Federación Editorial Mexicana, 1973; GUEVARA NIEBLA, Gilberto. *La democracia en la calle: crónica del movimiento estudiantil mexicano*. México: Siglo XXI, 1988; REVUELTAS, José. *México 68: juventud y revolución*. México: Era, 1978; SCHERER, Julio; MONSIVÁIS, Carlos. *Parte de guerra: Tlatelolco 1968: documentos del general Marcelino Garcia Barragan: los hechos y la historia*. México: Aguilar, 1999.
- <sup>17</sup> VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; CALADO, Carlos. *Tropicália: a história de uma revolução musical*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- <sup>18</sup> Cf. entre outros: BAHIANA, Ana Maria. *Nada será como antes: MPB nos anos 70*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980; CARVALHO, Gilberto. *Chico Buarque: análise poético musical*. Rio de Janeiro: Codecri, 1983; ALBIN, Ricardo Cravo. *Driblando a censura: de como o cutelo invadiu a cultura*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.
- <sup>19</sup> SILVA, Hélio. *Costa e Silva - 23º presidente do Brasil*. São Paulo: Três, 1983; BEATRIZ, Kushnir. *Cães de guarda: jornalistas e censores: do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- <sup>20</sup> ARAUJO, Paulo Cesar. *Eu não sou cachorro não: música popular cafona e ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2003
- <sup>21</sup> CASTRO, A. S. de Souza, F. E. P. *A economia brasileira em marcha forçada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; SINGER, Paul. *A crise do milagre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- <sup>22</sup> KUCINSKI, Bernardo. *O fim da ditadura militar*. São Paulo: Contexto, 2001.
- <sup>23</sup> CARVALHO, Luiz Maklouf. *Mulheres que foram à luta armada*. São Paulo: Globo, 1998; FREIRE, Alípio et al. *Tiradentes, um presídio da ditadura: memórias de presos políticos*. São Paulo: Scipione, 1997; GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: das ilusões perdidas à luta armada*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998; PAZ, Carlos Eugênio. *Viagem à luta armada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996; MIRANDA, Nilmário; TIBÚRCIO, Carlos. *Dos filhos deste solo: mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*. São Paulo: Boitempo; Fundação Perseu Abramo, 1999.
- <sup>24</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves et al. *Tancredo: a trajetória de um liberal*. Petrópolis: Vozes, 1985; DIMENSTEIN, *O complô que elegeu Tancredo Neves*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1985; FASSY, Amaury. *De Castelo a Sarney*. Thesaurus, 1987; OLIVEIRA, Bastos. *Sarney: o outro lado da história*. Nova Fronteira; SARNEY, José. *Palavras do presidente José Sarney*. Brasília: Brasiliense, 1985.
- <sup>25</sup> ZUENIR, Ventura. *1968: o ano que não terminou*; SIRKIS, Alfredo. *Os carbonários*. Rio de Janeiro: Globo, 1994.